

Sobre “como inventar um método?” e algumas de suas armadilhas

About “how to invent a method?” and some of its pitfalls

Acerca de “cómo inventar un método?” y algunos de sus trampas

Andrea Vieira Zanella

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC, Brasil.

Resumo

Este texto problematiza o pesquisar a partir da seguinte pergunta: “Como inventar um método?”. Trata-se de pergunta cuja busca de respostas pode levar os interessados na questão a se deixar capturar pela armadilha da assunção de um método-caminho que, uma vez bem delineado, inexoravelmente levará a lugar antecipadamente definido. Porém, não é possível, para quem está enredado nas tramas epistemológicas e metodológicas que constituem os processos de pesquisar em contextos acadêmicos, passar incólume a essa pergunta. Afinal, trata-se de uma pergunta-dispositivo a abrir campos de visibilidade, dizibilidade e pensabilidade geralmente obstruídos por prescrições metodológicas. As discussões apresentadas focam essas questões e possibilitam afirmar o pesquisar como atividade cuja problemática emerge da vida e cujos resultados a esta retornam, porém não somente como explicações ou compreensões de uma dada realidade. Pesquisar, assim como a pergunta-mote deste texto, é dispositivo não somente de evocação de mundos, mas principalmente de sua produção.

Palavras-chave: Pesquisa. Método. Metodologia. Dispositivo.

Abstract

This text aims to discuss the research from the following question: "How to invent a method?" This question looks for answers that may lead the interested parties to leave the trap to capture the assumption of a method-way, that once well-designed for sure will lead to a priori defined place. However, it is impossible to pass unscathed this question for the researchers who are embroiled in epistemological and methodological frames that constitute the processes of research in academic contexts. It's about a question-device that opens fields of visibility, dizibility and thinkbility usually obstructed by methodological prescriptions. The discussions presented focus on these issues and enable assert researching problematic emerges as an activity which life and results come

back to this, but not only as explanations or understandings of a given reality. Search, as well as the starter question, is device not only of evoking worlds, but mostly of its production.

Keywords: Research. Method. Methodology. Device.

Resumen

Este texto discute la investigación a partir de la siguiente pregunta: "¿Cómo inventar un método?" Se trata de una pregunta cuya búsqueda de respuestas puede llevar a los interesados en la cuestión a dejarse capturar por la trampa de suponer un método- camino que una vez, bien delineado, inexorablemente llevará a un lugar anticipadamente definido. Sin embargo, no es posible para cualquier persona que está envuelta en los marcos epistemológicos y metodológicos que constituyen los procesos de investigación en contextos académicos, permanecer indiferente a esta pregunta. Pero la respuesta puede conducir el interesado en el tema a ser capturado por la trampa de asumir el método como lo que puede conducir inexorablemente a un lugar definido. Al final, se trata de pregunta-dispositivo que abre campos de visibilidad, pensabilidad y decibilidad generalmente obstruidos por prescripciones metodológicas. Las discusiones presentadas se centran en estas cuestiones y permiten afirmar la investigación como actividad de cuya problemática surge de la vida y cuyos resultados vuelven a ésta, pero no sólo como explicaciones o interpretaciones de una realidad dada. Investigar, así como la cuestión-motivadora de este texto, es dispositivo no sólo para evocar mundos, pero sobre todo de su producción.

Palabras clave: Investigación. Método. Metodología. Dispositivo.

Recebi, em meados de maio de 2014, com indisfarçável orgulho, o convite para participar do evento “Temas em Debate”, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS. Era convidada para discutir, em um momento do qual participariam docentes e discentes do programa, o texto escrito por um

grupo de alunos do segundo ano de doutorado, produzido a partir da seguinte pergunta: “Como inventar um método?”.

O convite significava, por um lado, a oportunidade de estar com colegas com as quais venho estabelecendo profícuas interlocuções acadêmicas e intensas trocas afetivas nos últimos a-

nos; e, por outro, o desafio de dialogar com uma produção escrita em processo, fundamentada em referenciais teóricos diferentes dos quais costumo trabalhar. Além da condição provisória da escrita, havia por certo nas entrelinhas do texto tensões que precisaria identificar, condição para alguma possibilidade de diálogo com os doutorandos e seus orientadores.

Se a resposta primeira ao convite foi marcada pela certeza da possibilidade de bons encontros, a segunda resposta ao convite, concretizada na participação no evento em início de agosto e nas discussões que apresentei, objetivadas em uma escrita inicial, frustraram por certo tanto as minhas expectativas quanto as de meus interlocutores – e aqui me refiro especialmente aos autores do texto que recebi previamente e com o qual procurei dialogar. Posso construir várias justificativas para explicar o que aconteceu, sendo a vivência do luto que me privou do tempo necessário à escrita que o evento requeria a mais plausível. Mas penso que justificativas não vêm ao caso: o mal-estar e a frustração com o acontecido impuseram-me a tarefa de enfrentar o desafio de rever a própria escrita, de retomar alguns dos muitos fios que ficaram em suspenso naquele dia, de perscrutar com mais atenção algumas das vozes presentes tanto no

texto dos doutorandos quanto na própria situação do Seminário e de nosso (des)encontro.

Fios soltos, a se moverem sem direção, ganham potência e força quando conectados a outros fios. Desses encontros, dessas ligações precárias, imprevistas, conectivas, outros e outros fios podem emergir, a se moverem para direções impensadas e adensarem espaços e tempos de novos possíveis. Eis o que me move a retomar a minha escrita para aquela ocasião, escrita provisória que não produziu as reverberações que gostaria, provavelmente porque não estive atenta aos ecos das vozes que ali se apresentavam em intensa dialogia¹. Eis o desafio a que eu mesma me subordino com esta reescrita: embrenhar-me na perigosa aventura de escrever, e, mais ainda, na árdua tarefa de tentar conectar esta minha escrita-fio ao fio-escrita dos doutorandos interlocutores de minha intervenção no Seminário, bem como a fios de interlocutores outros, de tempos e espaços indeterminados.

Inspira-me a encarar essa escrita-aventura e seus perigos as palavras de Lispector:

“Minhas intuições se tornam mais claras ao esforço de transpô-las em palavras”. Isso eu escrevi uma vez. Mas es-

tá errado, pois que, ao escrever, gruda e colada, está a intuição. É perigoso porque nunca se sabe o que virá – se for sincero. Pode vir o aviso de uma destruição, de uma autodestruição por meio de palavras. Podem vir lembranças que jamais se queria vê-las à tona. O clima pode se tornar apocalíptico. O coração tem que estar puro para que a intuição venha. E quando, meu Deus, pode-se dizer que o coração está puro? Porque é difícil apurar a pureza: às vezes no amor ilícito está toda a pureza do corpo e alma, não abençoado por um padre, mas abençoado pelo próprio amor. E tudo isso pode-se chegar a ver – e ter visto é irrevogável. Não se brinca com a intuição, não se brinca com o escrever: a caça pode ferir mortalmente o caçador. (Lispector, 2010, pp. 27-28).

Esclarece Deleuze que “escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido” (Deleuze, 1997, p. 11). O risco de ser ferido mortalmente pelas próprias palavras é, pois, inevitável a quem é sincero se deixa enredar e mover ao sabor do movimento da escrita, da sucessão de palavras e pausas e entrelinhas e silêncios e pontos e vírgulas e acentos e entonações e ditos e não ditos e... e... e...

É risco também inevitável para quem se deixa capturar pela trama do pesquisar, pela sedução de suas surpresas, pela variedade de caminhos, pelos desafios que apresenta ao pensar, ao sentir, ao falar, ao viver. Mas o que é ferido mortalmente não é a pessoa que escreve/pesquisa, pois esta renasce das cinzas a cada ponto arbitrariamente afirmado como final, tal qual fênix que emerge dos restos, dos vestígios de sua existência pregressa para, fortalecida, enfrentar uma nova aventura. O que é ferido mortalmente é a presunção da palavra última, pois

não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos do passado, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão relembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua

feita de renovação. Questão do grande tempo. (Bakhtin, 2003, p. 410).

É ferida também a assunção de um certo lugar de saber-poder, de um olhar ingênuo para o outro, para o mundo, para si mesmo. Pesquisar é, pois, para quem se apresenta disponível e aberto a seus fluxos, uma aventura tão perigosa como o escrever, posto que engendra a emergência de um outro eu.

Sobre a pergunta-armadilha

A discussão que me foi proposta partia, assim como o texto dos doutorandos com os quais procurei com minha provisória escrita dialogar, da seguinte pergunta: “Como inventar um método?”.

Trata-se de pergunta capciosa, pois a busca da resposta pode levar seu proponente ou os interessados na questão a se deixar capturar pela armadilha da assunção de um porto supostamente seguro, de um método-caminho que, uma vez bem delineado, inexoravelmente levará ao lugar antecipadamente definido. Situação confortável, por certo, pois uma arapuca garante ao pássaro que a habita a certeza de um lugar com o sagrado pão e água de cada dia. Lugar que possibilita a cantoria, porém sem a

mínima garantia de que possa vir a atrair o outro a quem se dirige.

Trata-se a arapuca de lugar de um mesmo, de paisagens reiteradas, de discursos unívocos a ecoar o que o pássaro está acostumado a ouvir. A assunção de um método-caminho seguro também, pois a probabilidade de que o pesquisador possa vir a ser ouvido existe, geralmente por pares da mesma plumagem que, tal como Narciso, acham feio o que não é espelho. É possível ouvir, eventualmente, uma ou outra palavra a destoar da melodia uníssona... Uma ou outra palavra, raramente com força suficiente para fazer transmutar o registro, quiçá o tom... Dificilmente com a força dos 4'33" de John Cage, obra de 1952 que afirmou o silêncio como constituinte do som, o ouvinte como partícipe da composição.

No campo das ciências, principalmente nas vertentes signatárias da proposta de univocidade da linguagem e das vias de mão única entre ator e expectador, emissor e receptor, falante e ouvinte, a pergunta “Como inventar um método?” é desnecessária, quiçá descabida. Caminhos estão dados, talvez necessitando de alguns ajustes aqui ou acolá, pouco expressivos. Trata-se de caminhos afirmados como seguros, aprovados em infindáveis testes de aferição de validade que, uma vez percorri-

dos com rigor, podem talvez levar a um lugar de reconhecimento pelos que em seus panteões se alojam. Talvez... Afinal, replicagens podem não só reiterar o já sabido. Quiçá um ruído pode vir a ser alçado à condição de algo que mereça ser ouvido... Quiçá um silenciamento explicitado...

Ruídos, aliás, assim como insignificâncias, são geralmente negligenciados em pesquisas balizadas pela escuta dos acordes maiores, mais fortes, das melodias e ritmos conhecidos. Mas esses ruídos podem ser potentes indícios de alguma diferença, da emergência de um novo ou de algo até então obscuro, negado, esquecido. Afinal,

o zoólogo, com o resíduo insignificante de um osso animal fóssil, reconstrói seu esqueleto e, inclusive, seu modo de viver. Uma moeda antiga, que carece de todo valor real a princípio permite ao arqueólogo conhecer um complexo problema histórico. O historiador, que decifra um hieróglifo desenhado em uma pedra, penetra nas profundidades dos séculos desaparecidos. O médico estabelece o diagnóstico da enfermidade com base em uns poucos sintomas. Somente nestes últimos anos a psicologia vem superando o temor diante da valorização cotidiana dos fenômenos e aprende por minúcias insignificantes – resíduos dos fenômenos como dizia Freud, que pedia maior atenção para a psicologia da vida cotidiana – a desco-

brir com frequência importantes documentos psicológicos. (Vigotski, 1995, p. 64).

A escuta de ruídos e insignificâncias é perspectiva que destoa do que se ouve com maior intensidade no território densamente povoado das produções acadêmicas sobre metodologia da pesquisa. Há perspectivas de análise que buscam os invariantes, as predominâncias, as regularidades, o que se apresenta como reiterável. Há, em contrapartida, perspectivas outras que escutam os desvios, que atentam ao menor, que visibilizam as margens e os marginais, os esquecidos, os infames². Há pesquisadores/as que, além de problematizarem o que elegem como foco de suas investigações, também se voltam para o próprio processo de pesquisar e perguntam sobre os caminhos, sobre as próprias escolhas metodológicas e seus efeitos. São pesquisadores/as que se deparam com as angústias decorrentes da certeza da impossibilidade de um trabalho que visa a apreender dada realidade, pois compreendem as implicações éticas do pesquisar. Entre esses/as pesquisadores/as estão os que apresentam e/ou se propõem o desafio de responder à pergunta “Como inventar um método?”. Para estes, a pesquisa não é armadilha, mas dispositivo a provocar

visibilidades, dizibilidades, pensabilidades.

Sobre a pergunta-dispositivo

“Como inventar um método?”

Trata-se de uma pergunta que não se responde com poucas palavras, ou de modo simples. Trata-se de uma pergunta que não sei se pode – ou se deve – ser respondida. Ou, ainda, trata-se de uma pergunta que, caso venha a ser respondida, demanda no mínimo preocupação com os possíveis efeitos da eventual resposta.

Mas, de certo modo, não é possível, para quem está enredado nas tramas epistemológicas e metodológicas que constituem os processos de pesquisar em contextos acadêmicos, para quem problematiza esse processo e se permite afetar por ele, passar incólume a essa pergunta. As respostas possíveis podem, por sua vez, enveredar por caminhos tortuosos, prenes de perguntas outras, ou de certezas precárias, ou então de mentiras certeiras. Ou de mesclas de umas e outras.

Mas para avançar na análise da própria pergunta e se aventurar a tecer alguma resposta, necessário se faz perguntas outras, conexões entre supostas independências: Quem pergunta? Por

que pergunta? E a quem se dirige essa pergunta?

O contexto de enunciação é chave para a resposta a essas perguntas sobre a pergunta. Isso porque todo enunciado, seja este objetivado na forma de uma frase, um gesto, uma imagem, uma palavra, uma pergunta, é “[...] um ato singular, irrepetível, concretamente situado e emergindo de uma atitude ativamente responsiva, isto é, uma atitude valorativa em relação a um determinado estado de coisas” (Faraco, 2003, p. 24). Todo enunciado é, pois, um elo de uma complexa e, não raro, invisibilizada teia, algo que conecta um em relação a um ou muitos outros, em um contexto singular, marcado pelas condições de possibilidade da própria enunciação e de seus agentes.

Tempo e espaço em relação: espaço em movimento a visibilizar os indícios de heterogêneos tempos, de variadas intensidades, que se amalgamam no próprio espaço em mutação. Amálgama poroso, no entanto, constituído por magma incandescente que pode assumir direções imprevistas, calcificar alguns feixes que permanecerão como testemunhos de sua presença em um presente que anuncia futuros possíveis.

Eis a condição de todo e qualquer enunciado, seja este uma ou várias

palavras, imagens, gestos, sons, obras de arte, perguntas... Um entre, a visibilizar a posição responsiva de seu próprio agente e sua condição axiológica no mundo. Um elo a comunicar

a inseparabilidade entre o tempo do acontecimento e o lugar concreto de sua realização [...], a relação essencial visível entre os tempos (o presente e o passado), o caráter criador-ativo do tempo (do passado no presente e do próprio presente), a necessidade que penetra o tempo localizado, vincula-o ao espaço e vincula os tempos entre si; por último, com base na necessidade que penetra o local, a inclusão do futuro que conclui a plenitude do tempo [...]. (Bakhtin, 2003, pp. 244-245).

No caso da pergunta-dispositivo em questão, “Como inventar um método?”, o contexto de enunciação – um seminário com docentes e pós-graduandos, com a presença de convidados externos convocados a responder a esta e outras perguntas – anuncia mais que uma dúvida. A inquietação de quem pergunta é, provavelmente, resultado de expectativas várias com as quais se depara e às quais tem de responder, seja em relação ao próprio campo de pesquisa e seu encontro com os muitos outros com os quais dialoga, seja em relação ao que apresentará como escrita final – o produto de sua pesquisa, com sua

forma a enformar de um determinado modo o conteúdo.

Voltemos à pergunta-dispositivo: o “Como...” remete a um fazer e este, por sua vez, a passos, procedimentos, técnicas, escolhas, sejam estas prévias, a funcionar como prescrições ou meras possibilidades, sejam estas cunhadas a partir do encontro com o próprio campo da pesquisa e os desafios que este apresenta ao pesquisador. Ou, ainda, é factível pensar em uma mescla dessas possibilidades, um planejamento-protocolo de intenções que se transforma no decorrer da própria pesquisa, a partir da escuta do campo, do olhar crítico para o próprio percurso e do acolhimento a possibilidades outras, consonantes com a riqueza não do que se previa, mas do que se anuncia.

O “Como” em pesquisa é foco de calorosos debates e a profícua produção acadêmica sobre o assunto é testemunho de sua relevância³. Não basta pesquisar, há que se problematizar “como”, há que se abrir a caixa-preta das escolhas metodológicas e analisar sua adequação em relação ao que é apresentado como foco do olhar do/a pesquisador/a, bem como sua pertinência em relação aos resultados produzidos e às análises e conclusões que dessas escolhas decorrem.

Ao “como” se vincula o inventar, palavra-verbo que faz referência ao processo de produção de algo novo, seja este objetivado em uma fórmula, uma teoria, uma imagem, uma ideia, etc. A forma pode ser variada, o fundamental é a potência de desassossego que esse novo comporta e que pode eclodir no encontro com um outro, provocado então a também inventar. Em pesquisa, destacam Bordieu, Chamboredon e Passeron (2004, p. 25) que “a invenção nunca se reduz a uma simples leitura do real, por mais desconcertante que seja, já que pressupõe sempre a ruptura com o mesmo e com as configurações que ele propõe à percepção”.

Complexo processo, certamente, o de inventar, pois pautado por uma mescla de necessidade, interesse, vontade, condições cognitivas, afetivas, condições materiais, condições do contexto que engendra o próprio processo e do contexto de recepção de seu produto. Não é mágica a invenção, ainda que um toque de magia sempre esteja presente na (trans)formação de alguma coisa. Não é mágica porque quem cria, seja na ciência, na arte ou na esfera cotidiana, “recolhe da vida seu material mas produz acima desse material algo que ainda não está nas propriedades desse material” (Vigotski, 1999, p. 308). O material recolhido da vida, em fragmentos diver-

sos e dispersos, é agregado em uma nova composição que se apresenta como possibilidade de sentidos outros, cunhados nas relações que conectam este novo ao seu agente e o lugar social que ocupa ao expectador/ouvinte/outro, ao contexto e condições de enunciação e às vozes várias em tensão que ali se apresentam.

A invenção não é prerrogativa de ninguém, por certo, pois

“todos e qualquer um inventam, na densidade social da cidade, na conversa, nos costumes, no lazer – novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação. A invenção não é prerrogativa dos grandes gênios, nem monopólio da indústria ou da ciência, ela é potência do homem comum” (Pelbart, 2003, p. 139).

Faz eco Peter Paul Pélbart ao que dizia Lev S. Vigotski nas primeiras décadas do século XX, ao afirmar que

a criação, na verdade, não existe apenas quando se criam grandes obras históricas, mas por toda parte em que o homem imagina, combina, modifica e cria algo novo, mesmo que esse novo se pareça a um grãozinho, se comparado às criações dos gênios. Se levarmos em conta a presença da imaginação coletiva, que une todos esses grãosinhos não raro insignificantes da criação individual, veremos que grande parte de tudo o que foi criado pela humanidade per-

tence exatamente ao trabalho criador anônimo e coletivo de inventores desconhecidos. (Vigotski, 2009, pp. 14-15).

Pois bem, voltemos à pergunta-dispositivo: “Como inventar um método?”, o complemento verbal de “como inventar” localiza tanto o locutor como o ouvinte, sejam estes distintos ou a mesma pessoa, em relação ao que se apresenta como objeto da ação. Ademais, localiza em relação à impossibilidade de generalizações, sendo o *um* muito mais que um mero indicador de quantidade.

“Um + método” chama a atenção para a singularidade do pesquisar, para a condição única de cada processo. Não se trata de “o” método, único, previsto, mas de “um”, indefinido. Um método, um caminho, não porque somente houvesse esse, mas porque, em se fazendo alguma escolha, possibilidades outras de trajeto se abrem e, ao mesmo tempo, outras se fecham. Em um oceano de possíveis, alguns caminhos se afirmam, outros se apagam, outros são obliterados, desvios se anunciam.

Um método, portanto, remete à inevitável condição do pesquisador como alguém que faz escolhas e por estas tem de responder. É sempre singular porque cada pesquisador, ainda que siga

protocolos ou se proponha a seguir propostas de estudos anteriores, é uma pessoa única: por mais que resultados possam ser replicados, experimentos repetidos à exaustão, procedimentos validados adotados e utilizados a partir das rigorosas instruções de quem os avaliza, todo pesquisador é pessoa que traz as marcas do tempo e lugar em que se insere e do qual ativamente participa. Por conseguinte, em sua produção acadêmica se apresenta, com mais ou menos intensidade, de forma visível ou velada, a sua condição axiológica e o modo como responde às questões que dizem respeito ao complexo e tenso campo do vivido e ao universo da ciência com as quais necessariamente estabelece interlocução.

Pesquisar é atividade cuja problemática emerge da vida e cujos resultados a esta retornam, porém não somente como explicações ou compreensões de uma dada realidade. Assim como ocorre com cada palavra que procede de um outro e a este se dirige, sendo dispositivo não somente de evocação de mundos, mas principalmente de sua produção, a pesquisa é dispositivo que nos permite não somente conhecer uma dada realidade, mas afirmá-la, negá-la, destruí-la, total ou parcialmente. Por sua vez, via diálogo com um outro com o qual pesquisamos, seja este presente ou

ausente, interlocutor conhecido ou anônimo, conhecemos não somente o seu mundo, mas nosso próprio mundo, nossas (in)certezas, sendo esse encontro possibilidade de reinvenção de ambos.

Pesquisar requer também algum diálogo com outros/as pesquisadores/as que trabalham com a temática foco da investigação, e também com variadas vozes sociais que participam do tenso debate a respeito do que é crível, do que se pode e se quer dizer, de quem é reconhecido como autoridade para dizer e para ser ouvido no campo da ciência.

Pesquisa realizada por Moysés e Collares (1992) a respeito de um tema supostamente tão conhecido – os distúrbios de aprendizagem – dá visibilidade às tensões e interesses em jogo que produzem determinadas verdades científicas e sua disseminação. Trata-se de investigação ímpar que desnuda, a partir de rigorosa busca de vestígios e análise de documentos, qualquer ingênua e ilusória crença na possibilidade de neutralidade da pesquisa ou do pesquisador.

É ingênua e ilusória essa crença porque “[...] não há nem pode haver enunciados neutros. Todo enunciado emerge sempre e necessariamente num contexto cultural saturado de significados e valores e é sempre um ato responsivo, isto é, uma tomada de posição neste contexto” (Faraco, 2003, p. 25). Toda

pesquisa é, pois, uma tomada de posição na tensa arena que podemos nomear como circuito da ciência.

Esse circuito é heterogêneo e plural, e tentativas de classificação de seus partícipes e de suas práticas geralmente se revelam inadequadas, precárias, superficiais. A suposta neutralidade do pesquisador, condição do fazer ciência em seus primórdios e que opunha signatários e oponentes, é um exemplo, pois há muito vem sendo posta em questão, não somente por pesquisadores/as que se opõem às ciências que recebem a alcunha de positivistas, mas por seus próprios subscritores.

Lembro-me de um texto sobre observação que é precioso para me fazer compreender em relação à crítica a categorizações estanques de pesquisadores/as e suas práticas: o texto discute o efeito intrusivo do observador em estudos longitudinais dentro do contexto familiar. A discussão, pautada no diálogo sobre metodologias observacionais e suas vicissitudes, volta-se para a condição parcial de toda e qualquer observação e da necessidade de se cotejar olhares diversos para a mesma situação, visando a um mínimo acordo em relação ao que se apresenta como foco, como acontecimento observado. Não é negada, pois, a subjetividade do pesquisador, porém esta é vista como negativa

e estratégias metodológicas são convocadas para minimizar seus efeitos. Embora partindo de perspectiva diversa das que pautam as investigações que desenvolvo, bem como meus interlocutores no referido Seminário, menciono este texto porque possibilita compreender que o pressuposto da neutralidade é questionado, atualmente, por “positivistas” de variados matizes, não sendo privilégio de pesquisadores/as críticos, pós-modernos, pós-estruturalistas, etc.

Mas há diferenças nessas críticas, por certo, e necessário se faz reconhecê-las para poder avançar na discussão. Ainda que não seja o escopo deste trabalho, destaco uma dessas diferenças, justamente o modo como a subjetividade do pesquisador é concebida: negativa, por um lado, um problema a ser confrontado e contornado com estratégias metodológicas que minimizem seus efeitos; ou como condição inexorável de toda e qualquer ação humana, sendo, portanto, característica também do pesquisador.

Vários pesquisadores/as (Amorim, 2001; Paulon, 2005; Fonseca et al., 2006; Costa & Coimbra, 2008; Fonseca et al., 2012; entre outros) têm se dedicado a problematizar essa questão, e o texto dos doutorandos com o qual dialoguei no seminário e que integra este dossiê contribui para o debate. O texto

chama a atenção para a postura do pesquisador no exercício de construção de metodologias, tendo como foco as relações com os outros com os quais pesquisa e não sobre os quais pesquisa. É um modo de reconhecer a subjetividade não como negativa, mas em sua positividade, ou seja, naquilo que produz.

“Um + método”, pois, é expressão/síntese de uma perspectiva ética e política que compreende o pesquisar como processo, como acontecimento que se apresenta em um dado tempo e lugar. E em sendo processo, “não se dá pela certeza das linhas retas, mas fundamentalmente pela obliquidade dos possíveis e a imprevisibilidade dos acontecimentos” (Zanella, 2013, p. 135).

“Como inventar um método” é pergunta que comporta essa obliquidade e imprevisibilidade: como + inventar + um + método resulta não em uma, mas múltiplas incógnitas, sendo as possibilidades de resposta cunhadas no decorrer de investigações específicas, com suas complexidades, demandas e desafios.

Algumas palavras mais...

Somos, pesquisadores/as e outros/as com os quais pesquisamos, ao mesmo tempo atores e expectadores da mesma e de diferentes histórias. Ocupamos lugares sociais diversos, em con-

textos e condições específicas; lugares de saber/poder valorados diferentemente e exercidos também de variados modos.

“Como inventar um método?” foi o dispositivo para esta escrita-resposta. Trata-se de uma pergunta-dispositivo a abrir campos de visibilidade, dizibilidade e pensabilidade geralmente obstruídos por certas-cegueiras. Dispositivo a abrir estrias nas paredes supostamente impermeáveis das prescrições metodológicas, das pretensas garantias de caminhos seguros em direções unívocas. Dispositivo-provocação, desassossego, inquietude... Dispositivo de abertura, tal qual o diafragma da câmara fotográfica que permite a passagem da luz, de algum fragmento que seja, um mínimo necessário para a produção da imagem.

“Como” funciona assim: uma abertura-mínimo que se expande com o que a complementa, de modos diversos, imprevistos, inabituais. É palavra tão potente e aberta que foi o mote para a produção dos complexos trabalhos de artistas convidados a exporem suas obras na Bienal de São Paulo de 2014. A pergunta-dispositivo apresentada pelos curadores, nesse caso, foi “Como [...] coisas que não existem”.

Talvez, em se tratando de pesquisa, tenhamos que nos deixar provo-

car por perguntas outras: além do “Como/por que/para que/com que/com que propósito inventar um método?”, tenhamos que nos provocar a pensar sobre “Como [...] coisas que não existem” e, mais ainda, sobre “Como [...] coisas que existem”.

Notas

¹ Esclarece Faraco que a dialogia, conceito-chave para a perspectiva bakhtiniana, consiste no “espaço de luta entre vozes sociais (uma espécie de guerra dos discursos), no qual atuam forças centrípetas (aquelas que buscam impor uma certa centralização verboaxiológica por sobre o plurilinguismo real) e forças centrífugas (aquelas que corroem continuamente as tendências centralizadoras, por meio de vários processos dialógicos tais como a paródia e o riso de qualquer natureza, a polêmica explícita ou velada, a hibridização ou a reavaliação, a sobreposição de vozes, etc.)” (Faraco, 2003, p. 67).

² Michel Foucault define vidas infames como existências-relâmpago “destinadas a passar por baixo de qualquer discurso e a desaparecer sem nunca terem sido faladas”. (Foucault, 2006, p. 207).

³ Esta questão é apontada por pesquisadores/as de variadas orientações teórico-metodológicas, como Menandro (1998);

Biasoli-Alves (1998); Luna (2000); Barros et al. (2005), e outros.

Referências

- Amorim, M. (2001). *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa.
- Bakhtin, M. (2003). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Barros, M. E. B., Aragão, E. M. A., & Oliveira, S. P. de. (2005). Falando de metodologia de pesquisa. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 4(4), 51-63.
- Biasoli-Alves, Z. M. M. (1998). A pesquisa em psicologia – análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico. Em Romanelli, G. & Biasoli-Alves, Z. M. (org.). (1998). *Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa* (pp. 135-157). Ribeirão Preto: Legis Summa.
- Bourdieu, P., Chamboredon, J-C., & Passeron, J-C. (2004). *Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Costa, E. A. P., & Coimbra, C. M. B. (2008). Nem criadores, nem criaturas: éramos todos devires na produção de diferentes saberes. *Psicologia & Sociedade*, 20(1), 125-133.
- Deleuze, G. (1997). *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34.
- Faraco, C. A. (2003). *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições.
- Fonseca, T. M. G., Kirst, P. G., Oliveira, A. M., D'ávila, M. F., & Marsilac A. L. M. (2006). Pesquisa e acontecimento: o toque no impensado. *Psicologia em Estudo*, 11(3), 655-660.
- Fonseca, T. M. G., Nascimento, M. L., & Maraschin, C. (Org.). (2012). *Pesquisar na diferença – um abecedário*. Porto Alegre: Sulina.
- Foucault, M. (2006). A vida dos homens infames. *Ditos & escritos IV: estratégia, poder-saber* (pp. 203-222). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Lispector, C. (2010). *Crônicas para jovens: de escrita e vida*. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores.
- Luna, S. V. (2000). *Planejamento de pesquisa: uma introdução*. São Paulo: EDUC.
- Moysés, M. A. A., & Collares, C. A. L. (1992). A história não contada dos distúrbios de aprendizagem. *Cadernos CEDES*, 28, 31-48.

Menandro, P. R. M. (1998). A curva generosa da compreensão: temas em metodologia. Em L. de Souza, M. de F. Q. de Freitas, & M. M. P. R. (Org.). *Psicologia: reflexões (im)pertinentes* (pp. 397-417). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Paulon, S. M. (2005). A análise de implicação como ferramenta na pesquisa-intervenção. *Psicologia & Sociedade*, 17(3), 18-25.

Pelbart, P. P. (2003). *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras.

Vigotski, L. S. (1995). *Obras escogidas* (Vol. 3. Problemas del desarrollo de la psique). Madrid: Visor.

_____. (1999). *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (2009). *Imaginação e criação na infância*. São Paulo: Ática.

Zanella, A. V. (2013). *Perguntar, registrar, escrever: inquietações metodológicas*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS.

gli Studi di Roma La Sapienza. Bolsista em produtividade do CNPq.

E-mail: azanella@cfh.ufsc.br

Enviado em: 01/11/2014 – **Aceito em:** 15/11/2014

Andrea Vieira Zanella: Professora associada da Universidade Federal de Santa Catarina. Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC. Pós-doutora pela Università De-

